

***NINGUÉM
MORREU
NAQUELE
OUTONO***

***NINGUÉM
MORREU
NAQUELE
OUTONO***

MANOELLA VALADARES

© Manoella Valadares, 2024

Coordenação editorial: Bárbara Tanaka e Guilherme Conde Moura Pereira
Assistente editorial: Juliana Sehn
Fotografia de capa: série *montação*, 2022 ska batista
Projeto gráfico e diagramação: Guilherme Conde Moura Pereira
Comunicação: Hiago Rizzi
Produção: Caro Leonardi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Valadares, Manoella
Ninguém morreu naquele outono / Manoella Valadares. — 1. ed.
— Curitiba, PR: Telaranha, 2024.

ISBN 978-65-85830-07-2

1. Poesia brasileira I. Título.

24-213080

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:
1. Poesia : Literatura brasileira B869.1
Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Direitos reservados à
TELARANHA EDIÇÕES
Rua Ébano Pereira, 269 – Centro
Curitiba/PR – 80410-240
(41) 3220-7365 | contato@telaranha.com.br
www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil
Feito o depósito legal

1ª edição
Julho de 2024

Para Stella Miliband

Tateio. E a um só tempo vivo
E vou morrendo. Entre terra e água
Meu existir anfíbio. Passeia
Sobre mim, amor, e colhe o que me resta:
Noturno girassol. Rama secreta.

— **Hilda Hilst**

E a hora da minha morte aflora lentamente
Cada dia preparada

— **Sophia de Mello Breyner Andresen**

Os bichos do chão. O rolar das estações, dentro de uma estação
mais ampla, civilizações inteiras florescendo e morrendo em um
só Outono gigantesco, em um só Inverno de milênios.

— **Osman Lins**

SUMÁRIO

AS PALAVRAS ERRANTES, POR RAFAEL ZACCA \\ 11

NINGUÉM MORREU NAQUELE OUTONO \\ 17

POSFÁCIO, POR MARCELLA FARIA \\ 79

AGRADECIMENTOS \\ 83

ÍNDICE DE TÍTULOS \\ 85

AS PALAVRAS ERRANTES

POR RAFAEL ZAGCA

Os anfíbios têm duas vidas. Ao ler a epígrafe de Hilda Hilst que está neste livro (“e vou morrendo. Entre terra e água / Meu existir anfíbio”), você pode imaginar que os versos que seguirão falam de oposições e dualidades. De fato, *Ninguém morreu naquele outono* é um livro marcado pelas ambivalências. Como em “phármakon” (p. 37), onde a poeta mexe “o caldo virtuoso/ como se lá dentro Netuno/ beijasse cobras e pássaras marinhas/ que logo adoçariam/ aquelas bocas murchas”. Ora, nesse pequeno poema, quase todas as forças fundamentais dessa poesia se colocam: o mar, a vida anfíbia, a tendência dispersiva do sentido nos últimos versos e a palavra poética entre a cura e o veneno.

Mas é apenas aparentemente que os poemas aqui reunidos falam com a gramática das oposições. Antes, eles se situam na passagem de um a outro valor, de uma a outra vida. Por isso, seu afeto básico é a vertigem – própria daqueles que, atópicos, perderam o chão. A poeta deseja “voar até o centro do vulcão/ e lá dizer-se água” (p. 40). Do fogo à água, da terra ao mar, da palavra ao silêncio: é no interstício que sua palavra se situa. Que é que a poeta tem a dizer? O que toda poesia verdadeira diz: “palavras pela metade/ soltas pelo ar/ entre a cozinha e a sala/ nossa faixa

de gaza” (p. 50). Como se não pertencessem a uma vida nem à outra, esses poemas se situam na passagem ela mesma.

Foi Augusto de Campos quem escreveu certa vez que “a poesia é uma família dispersa de naufragos bracejando no tempo e espaço”. Podemos continuar só mais um pouquinho com essa metáfora apátrida para ler Manoella Valadares, cujos poemas estão encharcados de água salgada para todos os lados. Se Augusto fala a verdade, os poemas são ou a ladainha dos naufragos ou as mensagens nas garrafas. Então, a palavra da poesia é pura errância. Mas o que são palavras de pura errância? Aquilo que erra, erra sem autoridade. Isto é, sem autoria. As palavras da poesia vagam sem dono nem sujeito e, por isso, se abrem à agência das coisas.

Nos poemas de Manoella, frequentemente lidamos com essa indeterminação das falas. Não apenas somos interpelados por vozes sem dono, como também presenciamos a transfiguração dos processos de individuação, que reúnem os diferentes reinos da vida. Como no poema “Stella” (p. 51): você repara que a poeta, a cachorra e a cadeira se tornam uma só garganta de onde emana a voz do poema?

*a cachorra amarrada na cadeira
corpo imóvel
somos uma só*

*garganta
de um estuário triste
eu a cachorra a cadeira*

*um arremedo de escultura
a respiração falha
o nó na cadeira*

Repare ainda que o *enjambement* entre “somos uma só” e “garganta” divide a vida do poema em duas, dando à estrofação o caráter de uma hiância. É nela que vive a poeta. Anfíbia e náufraga.

Mas dizer errância ainda é dizer pouco. Há algo mais no naufrágio. A ladainha da náufraga não é solitária. Ela convive com os fragmentos do barco que um dia foi seu chão. É de uma tal fragmentação que sobrevive, por assim dizer, a linguagem de Manoella. Seus poemas são atravessados por cacos de memória, acontecimentos do presente e vozes que perturbam a comunicação. É náufraga, mas é viva. Aprendemos com João Cabral de Melo Neto que o que vive, “porque vive/ choca com o que vive”. A interrupção e o choque são a marca dessa poesia cheia de arestas. Ela se dirige “ao pontiagudo dos infernos” (p. 36) do não lugar para dizer com “olhos trágicos” (p. 20): “I do not believe in time” (p. 34).

abril de 2024

Rafael Zacca é poeta e crítico. Professor no departamento de Filosofia da PUC-Rio. Autor de *O menor amor do mundo* (7Letras, 2020) e *Formas nômade*s (Margem da Palavra, 2021).

***NINGUÉM
MORREU
NAQUELE
OUTONO***

ÁGUA-VIVA

no ano de 1979
na biblioteca 13 de maio
li um poema de Cecília Meireles
talvez Leilão de Jardim

em 1982 (me apaixonei pelo Paolo Rossi)
tive hepatite
de alta fui comer
um brotinho na tony's pizza

1985 foi capeta
descobri um bigode
queimei todinho em Nevinha

no fim de 1989
passei no vestibular
ganhei um uno e no mesmo
dia bati num táxi

antes de 1989
me liberei do meu hímen
e perseverei ingenuamente
em sortear boletos

— *foi quando descobri, Gilda:*
uma mulher precisa de dinheiro para
se virar

agora
está quase tudo dito

MANUEL

meu diabo de guarda
se soubesse sobre mim
abriria teu piano de dentes
e recitaria teus olhos
diante do vazio da jaula

AURORA

do vigésimo primeiro andar
vejo ondas gigantes
elas miram
meus olhos trágicos
eu retribuo abrindo a janela

— *pode entrar*

AREIA

cada mecha azulada
abraçava uma sereia cantante

no fundo do tempo
quedavam faíscas

dependuradas dos fios
já não cheiravam ao musgo matinal

eram apenas emaranhados de grande brilho
a dançar na cabeça de Kurdi